



# REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

O Jubileu no Contexto  
Neo-Testamentário

Pág. 3

Resoluções para  
Missão 73

Pág. 8

# MISSÃO

# 73

## SUMÁRIO

Missão 73—Fracasso ou Êxito?  
O Jubileu no Contexto Neo-  
-Testamentário  
Algumas Resoluções para Mis-  
são 73  
Página dos jovens  
Através do Mundo Adventista  
Sinais dos Tempos  
História do Mês  
Notícias do Campo

### REVISTA ADVENTISTA

Publicação mensal  
JANEIRO DE 1973

ANO XXXIV N.º 316

Director:

ERNESTO FERREIRA

Administrador:

JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO

S. A. R. L.

Redacção:

R. JOAQUIM BONIFACIO, 17  
L I S B O A

Administração:

RUA JOAQUIM DIAS SOUSA  
RIBEIRO, LOTE 18, 1.º  
S A C A V Ê M

TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.

Composto e impresso na

Alam. D. Af. Henriques, 1-C — Lisboa

Assinatura anual: 40\$00  
Estrangeiro (ex-  
cepto Brasil e Es-  
panha): 55\$00  
Número avulso 4\$00



Página  
EDITORIAL

## MISSÃO 73 — FRACASSO OU ÊXITO

O ano agora iniciado será um ano histórico. É o ano de MISSÃO 73.

Que vai ser ele em nossa igreja? Um êxito? Um fracasso?

Será certamente um fracasso se se limitar à pregação dos sermões que para o efeito foram preparados. Não passará então de uma rotineira série de reuniões, com resultados idênticos aos de tantas outras reuniões realizadas em idênticos moldes.

Não é isto, porém, MISSÃO 73. Para que MISSÃO 73 constitua um êxito, torna-se necessário cumprir algumas condições, entre as quais assinalamos as seguintes:

1. Como condição prévia, o pastor ou ancião responsável deve captar a visão do que MISSÃO 73 realmente significa.

2. Uma vez captada essa visão, não descansará até que todos os membros da igreja a seu cargo a captem igualmente.

3. Procurará então a participação activa de cada um dos membros da igreja na realização do programa. Cada um se alistará para o desempenho da ou das actividades que melhor se coadunem com as suas oportunidades e talentos. Organizar-se-ão comissões funcionais de acordo com as necessidades e condições locais, para o aproveitamento desses diferentes talentos e oportunidades.

4. O território confiado à igreja deve ser dividido em secções, de sorte que todo ele possa ser coberto por meio de contactos pessoais e de bem orientada publicidade.

5. Para os contactos pessoais serão usados todos os meios disponíveis — sondagens da Voz da Esperança, folhetos, «A Bíblia Responde», etc.

6. Organizar-se-á um ficheiro com os nomes de todos quantos tenham manifestado algum interesse como resultado desses contactos, ou de contactos anteriores, incluindo ex-membros de igreja, parentes próximos de membros de igreja, alunos de cursos bíblicos por correspondência, clientes de colportores, assinantes de revistas, etc.

7. Na devida altura, empregar os meios de comunicação social ao alcance da igreja — a rádio, a imprensa, os cartazes, os convites pessoais — primeiro em termos gerais e a partir de quinze

dias antes das reuniões em termos precisos quanto a local, data, horário, etc.

8. Quando as reuniões começarem, cada membro procurará levar consigo os seus interessados ou pelo menos velará para que eles assistam.

9. Será prestada especial atenção às crianças, devendo funcionar o seu programa particular ao mesmo tempo que se realizam as reuniões para jovens e adultos.

10. No decurso das reuniões, cada membro de igreja procurará estar presente, dando assim todo o seu apoio ao esforço que se está realizando.

11. Não mencionamos o que se relaciona com a programação e a técnica da campanha, mas é evidente que terão de ser efectuadas com o devido cuidado, nada sendo deixado para uma improvisação da última hora e sendo prestada a devida atenção a todos os seus pormenores.

12. Os participantes não adventistas devem ser levados a decisões sucessivas à medida que os diferentes assuntos de importância vital são apresentados, não deixando a primeira manifestação de decisão para a reunião final.

13. Todos os interessados devem ser integrados numa Classe Baptismal, a funcionar tanto durante a campanha como logo após o termo desta.

14. A campanha não deverá terminar sem que se realize uma ou mais cerimónias baptismais.

15. As pessoas que se baptizaram devem ser confiadas a um tutor, receber informação complementar sobre o organização da Igreja, ser ensinadas a trabalhar a favor de outros e ser integradas numa actividade missionária organizada.

Tudo quanto acaba de ser mencionado pode ser cumprido e no entanto MISSÃO 73 constituir ainda um fracasso. É que, como nos ensinou o Mestre, «o que é nascido da carne é carne. e o que é nascido do Espírito é espírito». MISSÃO 73 pode ser nascida da carne — de métodos e objectivos puramente humanos. Que, pelo contrário, ela seja nascida do Espírito — de vidas consagradas a Cristo, de membros unidos pelo amor fraternal, de esforços fortalecidos pela oração.

Ernesto Ferreira

# O JUBILEU no Contexto Neo-Testamentário

Por Daniel Simões da Silva

## UM TIPO DA LIBERTAÇÃO OPERADA EM CRISTO JESUS

Sabemos que as diferentes solenidades, «dias de festa», ou «sábados» festivos, do Velho Testamento, eram «sombras das coisas futuras», isto é, da pessoa e obra do Senhor Jesus. Lembramo-nos, por exemplo, de alguns desses dias de sábado: a festa dos Asmos, o Pentecostes e a Expição. Eles eram figuras que encontram total cumprimento quanto ao acontecimento, na Nova Aliança. M. L. Andreasen vai mais além quando escreve: «O tipo é perfeito até mesmo em relação ao tempo» (1). De facto, temos a confirmação de que acontecimentos como a Páscoa, Asmos e Primícias, se cumpriram na data requerida: a 14, 15 e 16 do mês de Abib, respectivamente.

Se isto é facto comprovado quanto aos «dias sabáticos», no que concerne ao «Ano Sabático» e seu séptuplo Jubileu, igualmente será de supor um cumprimento integral no Messias Redentor, em Sua mensagem e ensinosa.

Com efeito, o Ano do Jubileu e Ano Sabático instituídos como sabemos no Monte do Sinai (Lev. 25:1-11) são designados no Antigo Testamento e outros escritos hebreus por: «Ano da Remissão» (ou Perdão) em Deut. 31:10; «Ano Aceitável» (ou de Graça) em Is. 61:2; «Ano da Liberdade» em Ez. 46:17 e ainda «Ano Sétimo» em Lev. 25:20. Estes vocábulos são traduzidos e designados na versão grega dos Setenta por «Aphesis», que também é utilizado na terminologia jubilar dos Evangelhos de Jesus.

Resta-nos averiguar se, nos escritos do Novo Testamento, o Senhor Jesus terá proclamado tais práticas septenárias, sob alguma das referidas designações e se encontraram cumprimento em Sua vida e ensinosa, não só quanto ao acontecimento, mas também quanto ao tempo. Isto mesmo pretendemos estudar sob a luz prismática dos escritos neo-testamentários.

## PROCLAMAÇÃO MESSIÂNICA EM NAZARÉ

Os evangelistas Mateus, Marcos e Lucas na sua sinopse de Jesus, nos relatam um discurso na sinagoga de Nazaré da Galileia, que reputamos de particular interesse neste

estudo sobre o Jubileu. Os dois primeiros apenas nos oferecem um resumo desse evento cristão e de características imprecisas na sua cronologia. Mas Lucas, «o historiador mui escrupuloso e preciso», como o qualificou Albert Cadier (2), nos descreve os factos «por sua ordem» ao procurar informar-se «minuciosamente de tudo desde o princípio». Como tal não hesitaremos em adoptar seu relato e cronologia, o que pasaremos a transcrever:

«E, chegando a Nazaré, onde fora criado, entrou num dia de Sábado, segundo o Seu costume, na sinagoga, e levantou-Se para ler. E foi-Lhe dado o livro do profeta Isaías e quando abriu o livro, achou o lugar em que estava escrito: O Espírito do Senhor é sobre Mim, pois que Me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-Me a curar os quebrantados de coração, a apregoar liberdade aos cativos, e a dar vista aos cegos; a pôr em liberdade os oprimidos; a anunciar o ano aceitável do Senhor. E cerrando o livro, e tornando-o a dar ao ministro, assentou-Se; e os olhos de todos estavam fitos n'Ele. Então começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta escritura em vossos ouvidos.» (3)

Dada a extrema importância deste texto em nosso estudo, torna-se necessário que o comentemos demoradamente.

«*Chegando a Nazaré*» — A proclamação messiânica de Nazaré, embora diferindo dos anteriores agiografos, é apresentada pelo «médico amado» no princípio do ministério público de Jesus, logo após o baptismo, tentação e recrutamento de discípulos pela Galileia. Na verdade, Lucas, dada a sua formação intelectual, pôde dar-se, como é óbvio, a pesquisas minuciosas e sobretudo cronologicamente mais exactas, aliás, como ele próprio se propôs realizar para «que conhecessemos a certeza das coisas». (Luc. 1:1-4.) André Trocmé, moderno pesquisador cristão, declara a este propósito: «Era lógico que Jesus, revestido do Santo Espírito, começasse o Seu ministério por Sua terra natal, e Se esforçasse primeiramente por obter a adesão dos Seus, ao reino de Deus» (4). Isto mesmo se depreende em Lucas 4:14, 16, quando diz: «Pela virtude do Espírito voltou Jesus para a Galileia», até que chegou a Nazaré onde

fora criado. Levi Mateus corrobora esta asserção, ao traçar o mesmo itinerário no seu evangelho, declarando: «Jesus, porém, ouvindo que João estava preso, voltou para a Galileia, e, deixando Nazaré, foi habitar em Cafarnaum.» (Mat. 4:12, 13) Tudo se conjuga para crer, que o Salvador, antes de fazer de Cafarnaum «a sua cidade» e centro evangelístico, tenha passado por «Sua pátria», como era conhecida Nazaré. Isto não impede que, já anteriormente, tenha visitado Cafarnaum, depois do regresso do Jordão, visto que em Nazaré o refere. (Lc. 4:23.) Esta referência parece ser uma menção aos «não muitos dias», após Sua passagem por Caná. (Jo. 2:12.) No entanto, antes de visitar esta cidade, teria passado ainda uma vez mais pela cidade marítima de Cafarnaum, onde recrutara alguns dos Seus discípulos (um deles na respectiva alfândega) e de regresso do Jordão com passagem por Betsaida, berço de outros apóstolos. Em Caná, já Cristo levava o Seu colégio apostólico consigo, como o afirma Jo. 2:2. Segundo E. G. White aí se encontraram com Maria a mãe do Senhor. Vejamos o que ela escreveu: «Achar-se com Ele, um grupo de homens novos (...) que Lhe chamavam Mestre». Acrescenta ainda a serva do Senhor que eles contaram tudo o que sucedera nas margens do Jordão, à mãe de seu Mestre, que ali acorrera vinda de Nazaré. A mesma pena observa ainda: «Encontrou-Se novamente com Sua mãe de quem estivera separada por algum tempo.» (5) Uma certeza nos fica: em Caná ainda a messiânica proclamação está por se realizar, o que prova a cronologia de Lucas, que a situa em Nazaré, onde pouco depois o Senhor haveria de chegar. O divino Galileu disse em Caná: «Ainda não é chegada a Minha hora». (Jo. 2:4) Que significam estas misteriosas palavras? Deixemos que responda a mesma escritora: «Indicam que todo o acto de Cristo na terra era cumprimento do plano que existia desde os dias da eternidade.» (6) Por conseguinte, em Caná, um plano divino está por se iniciar, não inaugurando ainda ali o Seu ministério, mas apenas os Seus sinais. Estes tornam-se necessários para preparar a Sua investidura em Nazaré, entre os Seus, como o Messias Libertador. Logo, porque acede finalmente a fazer um milagre, o primeiro e fora da «Sua hora», nas referidas bodas? «Foi para honrar a confiança de Maria, e fortalecer a fé dos discípulos (recentemente recrutados ao apostolado) que realizou o primeiro milagre.» (7), afirma ainda E. G. White.

Dias depois, em Nazaré, Jesus declarava o cumprimento de «Sua hora», quando afir-

mou: «Hoje se cumpriu esta escritura em vossos ouvidos». Que escritura? Que previa ela? É o que veremos em seguida.

#### «O ESPÍRITO DO SENHOR É SOBRE MIM, POIS ME UNGIU»

Diz o Espírito de Profecia: «Quando um Rabi se achava presente na sinagoga, esperava-se que dirigisse o sermão. (...) Foi-lhe dado o livro do profeta Isaias. O texto lido por Ele era interpretado como referindo-se ao Messias.» (8) Vemos como tudo se concretiza para uma proclamação messiânica na Sua Pátria. Ou Jesus Cristo escolheu o texto de Isaias 61:1, 2 para o seu caso, ou deveria já haver estipulado nas sinagogas um calendário de leitura, segundo os acontecimentos religiosos da época. Vejamos o que nos diz um grande livro de história: «À leitura da secção semanal do Pentateuco, seguia-se a de um fragmento dos profetas, segundo o uso que já estava em vigor nas casas de oração e estudo em que se lia a Torah, na época posterior a Esdras, e anterior ao primeiro século antes de Cristo. Sucessivamente os Rabinos da Mishna, os tamain, deram à literatura dos profetas uma ordem sistemática, escolhendo fragmentos apropriados, para cada sábado e para os dias festivos.» (9) Assim, o Rabi da Galileia foi naquele sábado a ler um texto messiânico que deve despertar nossos interesses jubilares. O texto em questão, de Is. 61, fala na primeira pessoa: «O Senhor Me ungiu». Jesus apresenta-o como Seu, apoiando Sua tese messiânica. Ele devia realizar uma obra de reforma e reavivamento das esquecidas práticas jubilares, depois de ungição pelo Espírito. Os Salmos já previam tal unção, quando cantavam: «Por isso o teu Deus te ungiu com óleo de alegria.» (10) Daniel foi mais longe, ao pre-dizer o ano exacto para ungição «O Santo dos santos», quando escreveu: «Até ao Messias (em hebraico significa: ungição) sete semanas e sessenta e duas semanas.» (11) Partindo, como sabemos, do decreto de Artaxerxes Longimano para edificar Jerusalém, em 457 A. C. (esta edificação parece ter-se efectivado no fim do Verão ou princípio do Outono), «até ao Messias» vão sessenta e nove semanas de anos, ou sejam 483 anos proféticos (ver Num. 1b:34 e Ez. 4:6). Por consequência, este acontecimento ou declaração messiânica, recairia em 27 depois de Cristo (no fim do verão ou princípio do Outono). Quando «Jesus começava a ser quase de trinta anos», (12) como nos informa o Evangelista e médico, «o Espírito Santo desceu sobre Ele».

Aqui, aparentemente, existe uma contradição, quanto ao nascimento e batismo de Cristo. Os melhores comentadores confirmam que o Monge Dionísio, o Exíguo, se equivocou no estabelecimento da era cristã, quando deveria ter sido no ano 4 A. C., portanto três anos antes. Isto concorda com a cronologia de Tibério César, em relação com o início do ministério de João e a data da construção do Templo de Jerusalém por Herodes, o Grande, que neste estudo não poderemos tratar com profundidade.

De todos os modos, se João Baptista começou a baptizar, segundo aquele estudo cronológico, na Primavera do ano 27 da nossa era, seu primo Jesus, que era seis meses mais novo, veio a ele para ser baptizado um pouco antes de perfazer trinta anos, como o afirmou Lucas, logo ainda no fim do verão ou princípio do Outono, cerca de um semestre depois. E. G. White, falando do tempo de Seu baptismo, diz: «Pouco tempo depois iniciou Seu ministério.» (13) Este «pouco tempo depois», deve ter permitido ao Messias completar os trinta anos requeridos pela tradição de Israel, para logo iniciar oficialmente Sua acção pública.

Na verdade, depois de Cristo ter chegado da Judeia a Nazaré, proclamou: «O Espírito do Senhor é sobre Mim, pois Me ungiu».

Esta unção teria sido testemunhada por Pedro, visto que diz: «Como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com virtude». (14) Marcos deve ter ouvido daquele o mesmo, posto que escreveu: «E, logo que saíu da água, viu os céus abertos, e o Espírito que, como pomba, descia sobre Ele». (15)

É esta unção do Espírito que Jesus menciona em Nazaré, como observa Jean Vuilleumier: «Pouco tempo depois do Seu baptismo, Jesus lia em Nazaré a profecia de Isaias: O Espírito do Senhor é sobre Mim, pois Me ungiu, e Ele acrescenta: Hoje se cumpriu esta escritura, e Suas primeiras pregações começaram por esta palavra: O tempo está cumprido. (16)

O Filho de Deus, dava cumprimento a várias profecias, como Daniel 9 e Isaias 61, em particular, que previa uma obra especial para Israel. Sua preocupação era dar realização à «justiça» prescrita na Lei, nos Salmos e no Profetas.

Essa «justiça» O moveu, quando no Jordão foi baptizado com «o baptismo de arrependimento para remissão (aphesin: libertar, soltar, remir uma dívida) dos pecados», pregado por João. Inicia-se aqui a proclamação da «Aphesis», que na Septuaginta traduz as práticas jubilares. Quando João

hesitou baptizá-lo, exclamou: «Deixa (aphes) por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça. Então ele o permitiu (aphiesin auton)». (Mt. 3:15) O pastor A. Trocmé, comentando este incidente jubilar, declara: «Estas palavras misteriosas parecem indicar que Jesus queria dar ao Seu baptismo uma significação jubilar: antes de proclamar liberdade aos captivos, não seria necessário que Ele inaugurasse, por Si mesmo, o Jubileu da Justiça e da Libertação? O baptismo seria o primeiro acto dessa libertação». (17)

Perante isto, o Jubileu é uma figura ou tipo, da justiça divina que Ele quer fazer cumprir em Si mesmo e na Nova Aliança. Quando o Filho do Homem disse: «Deixa por agora cumprir toda a justiça», Ele queria dizer: «Não impeças que se cumpra em Mim a libertação da escravidão, o renascimento dos haveres perdidos pela opressão, afim de que ungiado possa iniciar a pregação da liberdade aos captivos e oprimidos, e anunciar o ano aceitável (o jubileu) do Senhor.»

Há pois uma relação entre o baptismo e a «aphesis» jubilar. Pedro o salientou no Pentecostes do Espírito, ao afirmar em conexão com João: «Cada um de vós seja baptizado em nome de Jesus Cristo, para perdão (aphesin) dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo». (Act. 2:38)

Depois que Cristo ressuscitou, «convinha que em Seu nome se pregasse o, arrependimento e a remissão (aphésin) dos pecados». (Lc. 24:47.) Para Jesus, o baptismo para a «aphesis» dos pecados, era o primeiro passo na libertação do pecador, de quem Ele é seu representante ou mediador. Essa faculdade inerente ao Filho do Homem foi ainda manifesta quando Ele declarou aos que assistiram à cura do paralítico: «O Filho do Homem tem na terra autoridade para perdoar (aphienai) pecados» (Mt. 9:6.) Isto se reflete também quando o divino Rabi apresenta na parábola do Servo Incompassivo e na Oração do Pai-Nosso a Deus como um Pai que perdoa (verbo aphiemai) as dívidas (em dinheiro, refere o original) contraídas pelos seus servos ou filhos, e que carecem da remissão jubilar prevista no Deut. 15:1-3.

É neste contexto jubilar que o Messias Se propõe evangelizar os pobres, libertar os captivos, e oprimidos. Mas captivos de quê? Porquê? Evangelizar apenas os pobres? Que significam estas palavras? Isto veremos ao meditarmos sobre a frase com que Jesus encerrou Seu discurso, em Nazaré da Galileia, depois do Seu baptismo no Espírito Santo.

## «O ANO ACEITÁVEL DO SENHOR»

Esta expressão usada pelo Messias Redentor faz levantar o véu sobre a questão de Nazaré. Como já vimos, é uma citação do «ano aceitável» que Isaias previu como obra do Ungido do Senhor. Algumas versões também traduzem por: «Ano de Graça do Senhor» e «Ano favorável do Senhor» que, por sua vez, são traduzidos do vocábulo hebreu «ratsah», tirado do verbo «ratsah», que significa ao mesmo tempo pagar uma dívida, quando se refere ao homem que oferece o pagamento, como declarar-se satisfeito (favorável), quando se refere a Deus, que aceita o pagamento. No Sal. 119:108, diz: «Aceita (ratsah), Senhor as oferendas voluntárias...». Em Is. 49:8, diz: «No tempo favorável (ratsah) te ouvi.» Nestes textos «ratsah» exprime o duplo significado do «Ano aceitável» ou «Ano favorável (ou de Graça)»: A atitude do homem que pratica o Jubileu, e do Senhor que se torna favorável, aceitando agir.

Consideremos pois que Jesus inaugurou um ano do Jubileu, em que Ele levou a boa nova ao pobre, acerca da restauração dos seus haveres perdidos (como Filão de Alexandria, em seu livro dos Jubileus, chama ao Ano Aceitável); apregoou liberdade nesse sétimo ano para os escravos (captivos ou oprimidos) dos ricos opressores, ou seja o ano do Jubileu e Ano Sabático. Ezequiel considerava tão importante este ano de libertação, que o chamou «Ano da Liberdade».

O Comentário Bíblico Adventista confirma esta nossa tese quando diz: «O Ano Aceitável do Senhor lembra o Ano do Jubileu, em que os escravos eram libertos, as dívidas eram canceladas, e as terras vinculadas voltavam ao seu possuidor original.» (18)

Desta maneira, Lucas mostra-nos que Jesus, depois de baptizado e ungido no fim do Verão ou princípio do Outono do Ano 27 A.D., teria semanas depois anunciado no dia da Expição (Yon Hakipourim) um Ano do Jubileu, portanto aos dez do Sétimo mês (ou de Tishri), altura em que o Levítico cap. 25 previa tal anúncio.

De facto Jesus nasceu «quando o tempo se cumpriu» (Gal. 4:4 — versão esp. de Reina — Valera). Baptizou-Se no ano que Daniel, cap. 9, previa, bem assim Sua morte três anos e meio depois e no dia 14 de Nisan ou Abib. Descansou no «Sábado» dos Asmos, a 15 do mesmo mês, que coincidiu com o sétimo dia sabático. Cristo, como «as primícias dos que dormem», ressuscitou no «seguinte dia do Sábado» (dos Asmos). Se isso aconteceu «para que se cumpris-

sem as Escrituras», porque não haveria de ser aquele Sábado em Nazaré o «sábado» festivo da Expição, posto que nele se anunciava o Jubileu?

Mais do que isso, o Filho de Deus não anunciou «o ano aceitável» num ano qualquer, mas no devido tempo, naquele que os nazarenos sabiam que se iniciaria naquele sábado. Logo tudo indica que o Messias, divinemente guiado, aproveitou proclamar o Jubileu, naquele novo ano, que terá sido um sétimo ano, ou mais: o Jubileu, também chamado «o quinquagésimo ano».

Temos a certeza de que os conterrâneos do Senhor compreenderam que começava um «sétimo ano» ou ainda um Jubileu, naquele ano.

Se não começasse naquele dia um ano de descanso para as terras, se não devessem aqueles galileus naquele sétimo ano, libertar os servos oprimidos na servidão, cancelando-lhes as suas dívidas e ao mesmo tempo restituir aos pobres as possessões originais, restaurando-os à posição anterior, então seria um contra-senso e uma deturpação por parte de Jesus das leis que Ele próprio prescrevera a Moisés, quando no Sinai. Ele sujeitar-Se-ia a ser acusado, desta feita com acerto, como transgressor da Lei e dos Profetas. Felizmente, o divino Mestre, não veio abolir a lei, mas cumpri-la. Para Ele, aquela leitura de Isaias não foi uma simples sequência de palavras vãs, mas uma profecia que Ele aplicou a Si mesmo, consciente da Sua missão messiânica. De outro modo seria um insulto ao Messias, por ignorância das Escrituras. Felizmente assim não foi «porque convinha que se cumprisse tudo o que de Mim estava escrito na lei de Moisés, e nos Profetas, e nos Salmos». (Luc. 24:44.)

Os habitantes daquela cidade, com efeito, bem compreenderam a pregação do Filho de Deus, a avaliar pelas atitudes divergentes: alegria de uns (os pobres e oprimidos) e revolta de outros (os ricos usurpadores, ameaçados de perderem seus servos com seus bens), visto «o Filho do Carpinteiro» se propôr restabelecer as práticas do Ano Sabático e do Jubileu. Os grandes e príncipes da sinagoga souberam ocultar-se sob nobres e populares motivos, para cativar a multidão contra «o Alvoroador», afim de O aniquilar no precipício. Os motivos para seduzirem a população seriam a Lei, o Sábado, e ainda «o fazer-se igual a Deus», etc. Não tanto, porque Ele dissera ser o Messias, pois isso eles desejavam para «restabelecer o reino de Israel» em desprimor dos invasores romanos, mas sim, como dis-

semos, porque Ele intentava contra a situação social vigente, em que uma minoria tinha tomado o domínio sobre o povo oprimido, o que era o contrário da justiça jubilar.

É interessante salientar que o Filho de Deus foi directo às necessidades materiais e espirituais dos homens de Seu tempo, manifestando bem o que pretendia e o que lia. Assim o texto de Isaías 61, continuava: «e o dia da vingança do nosso Deus». No entanto, Jesus se deteve em «anunciar o ano aceitável do Senhor», dando a entender o que desejava e que conhecia as Escrituras, pois a seguir lhes disse: «Hoje se cumpriu esta escritura em vossos ouvidos».

Como refere o Comentário Adventista, era uma proclamação do Jubileu, e daí o contentamento dos pobres e o cepticismo dos ricos, em Nazaré, naquele início do Ano Sétimo, como tudo indicava.

De facto, segundo o primeiro livro dos Macabeus, o ano em que os judeus renunciaram a permanecer sitiados na fortaleza de Batus, contra as tropas sírias do general Lísias, era «Ano Sabático» ou «Ano Sétimo». (19) Ora, isto sucedeu quando Antioco Eupator, tomou o lugar de seu pai Antioco Epifânio, no ano 150 da era dos gregos, a que corresponde o ano 163-162 A. C.. Partindo daquela data, a contagem de semanas de anos (sete anos) somos levados ao Ano 27 da nossa era, começo do Ano Sétimo e Jubileu, pregado por Cristo, e fim das sessenta e nove semanas de anos (à luz do Jubileu, se compreende melhor porquê designar os tempos por semanas).

Flávio Josepho fala, além de outras, de uma forma agravada pelo Ano Sabático, em 135-134 A. C.. Não obstante a falta de fontes de informação, como dispomos hoje, Josepho data aquele Sétimo Ano de forma a recair o ciclo septenal no mesmo ano 27 proposto pelos Macabeus.

Na era cristã, e segundo o Tratado «SOTAH» da Mischna (VII, 8), Herodes Agripa, teria celebrado a abertura de um Ano Sabático no ano 41, como previa Deut. 31:10 (versão da Difusora Bíblica — comparando com Deut. 15:1; Ex. 21:2 e Nee 8).

Isto confirma a dois septénios mais cedo, que o ano em que o Senhor anunciou o ano aceitável era na realidade um sétimo ano, isto é, o Messias proclamava um Jubileu de graça, liberdade e remissão, naquele sábado, aos dez do sétimo mês em Nazaré, do Ano 27 da nossa era.

Concluindo, diremos que se este jubileu era literal e necessário, não foi menos verdade que Jesus foi mais além da letra, espiritualizando-o para todo aquele que, «opri-

mido do diabo», que perdeu seus bens espirituais, que caiu «preso no cárcere das trevas», e que deixou de descansar no repouso septenário, pode ouvir Seu convite: «Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei.» É um convite a pôr em prática o espírito do Jubileu, o mesmo dirigido ao Jovem enriquecido pela exploração do pobre, e que não foi ouvido ao negar-se a praticar o Jubileu (restituição dos servos em liberdade e dos bens a ele devidos no sétimo ano). Por outro lado, a salvação continuará a vir àqueles que, como Zaquê, restituíram o produto da fraude, e que repartem seus haveres com os pobres, uma vez que este é ainda o ano aceitável do Senhor. Portanto, hoje, se ouvirdes a Sua voz, não endureçais o vosso coração, como o fizeram os hebreus em Nazaré.

E assim surgirá a pergunta: uma vez que o Senhor Deus proclamou um Jubileu de liberdade, redenção e perdão, terá Ele referido as quatro prescrições de tais práticas em Seus ensinamentos e parábolas? Esta será a pergunta a que tentaremos responder no próximo estudo.

#### Referências:

- 1 — M. L. Andreasen, *O Ritual do Santuário*, página 149
- 2 — Albert Cadier, *L'Introduction Au Nouveau Testament*, pág. 30
- 3 — Evangelho Segundo S. Lucas cap. 4:16-21
- 4 — André Trocmé, *La Révolution Non-Violente*, (Labor et Fidès, Genève), pág. 23
- 5 — E. G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, página 103
- 6 — *Ibidem*, página 104
- 7 — *Ibidem*
- 8 — *Ibidem*, página 171
- 9 — *Las Grandes Religiones*, (Editorial Matieu-Barcelona), vol. II, pág. 403
- 10 — Salmos 45:7
- 11 — Daniel 9:24, 25
- 12 — Evangelho Segundo S. Lucas 3:23
- 13 — E. G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 168
- 14 — Actos dos Apóstolos 10:38
- 15 — Evangelho Segundo S. Marcos 1:10
- 16 — Jean Vuilleumier, *Les Prophéties de Daniel*, pág. 259
- 17 — André Trocmé, *La Révolution Non-Violente*, pág. 27
- 18 — *The Seventh Day Adventist Bible Commentary*, sobre Lucas 4:19
- 19 — I Macabeus 6:48-53

# Algumas Resoluções para MISSÃO 73

De 10 a 12 de Dezembro esteve reunido em Lisboa o Conselho da Associação Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, tendo sido adoptadas, entre outras, as seguintes resoluções:

## RESOLUÇÃO SOBRE A EVANGELIZAÇÃO

MISSÃO

73

Reconhecendo que a promessa de derramamento do Espírito Santo como no dia de Pentecostes não se realizou ainda, e que esta promessa não se poderá cumprir en-

quanto a maioria dos membros de igreja não forem «cooperadores de Deus» (Serviço Cristão, p. 253),

*Votado* que os anos de 1973 e 1974 sejam proclamados anos de evangelização total, a fim de que todos os departamentos unam suas energias num esforço coordenado junto à colaboração dos leigos. Reconhecemos que a expressão «evangelização total» deve ser mais do que um simples lema para o povo dos últimos dias. É uma vasta acção evangélica, coordenada, permanente, empregando cada membro, cada organização, cada método, cada possibilidade, cada ocasião para levar a mensagem de uma maneira tangível a toda a pessoa, especialmente nas regiões superpovoadas e nos grandes centros. Reconhecendo que não alistámos completamente a todos os leigos nas nossas tentativas de evangelização, tomamos a decisão solene de treinar cada Adventista no decurso dos anos de 1973 e 1974 na tarefa divina de ganhar almas. Esta decisão comporta a subordinação de cada um e de todos os interesses que se oponham a esta cooperação total.

*Decidimos igualmente* que a intensificação da evangelização pública é de uma urgência extrema. Para realizar este objectivo prevê-se, no decurso de todo o ano, reuniões de testemunhos de leigos que produzirão um interesse contínuo nas reuniões públicas de apelo.

Todas as actividades dos departamentos devem encontrar a sua expressão na evangelização pelos nossos membros. Além disso, animamos os vários departamentos da igreja a rever os seus métodos de evangelização em função da sua eficácia e das suas possibilidades; que uma importância especial seja concedida à formação prática.

Nas nossas conferências públicas deveria apresentar-se a nossa doutrina de maneira completa. Em «MISSÃO 74» pensamos que utilizando «o braço direito» no decurso do nosso ministério público nós teremos acesso não somente a espíritos que tinham talvez preconceitos a nosso respeito, mas também a ouvintes mais dispostos a aceitar as verdades essenciais a uma preparação mais completa em vista da volta do Senhor. Os que aceitam a mensagem adventista devem ter uma justa compreensão da degenerescência física, mental e moral do género humano que resulta da violação das leis naturais e morais. O plano de Deus para estes últimos dias da história da terra é que o homem seja um ser completo.

*Votado* que continuemos na preparação de métodos, material, estudos, destinados à obra de evangelização pela saúde.

## ACTIVIDADES LEIGAS

MISSÃO

73

*Votado 1.* Utilizar ao máximo os nossos meios, possibilidades e energias a fim de realizar um plano missionário agressivo utilizando como divisa «Unidos para evangelizar a Europa do Sul».

2. Convidar todos os pastores e membros dirigentes das nossas igrejas e leigos da União Sul-Europeia a buscar ao Senhor mais do que nunca afim de que um despertamento e reforma possam ter lugar, conduzindo-nos ao momento há tanto aguardado em que seremos os beneficiários da chuva serôdia.

3. Que cada pastor, em harmonia com o departamental nacional das actividades leigas, forme na sua igreja instrutores leigos

a fim de que estes últimos lancem cursos de formação para «missionários leigos». Estes instrutores não deveriam apenas ensinar teoricamente os membros da igreja e os novos conversos, mas deveriam ser eles próprios chefes de grupo dispostos a demonstrar por meio de um trabalho de porta a porta os excelentes métodos propostos pelo departamento das Actividades Leigas da União e mais particularmente o método «A Bíblia responde».

4. Que em 1973, seja dado um novo passo em frente na preparação dos leigos, recrutando dentre os mais capazes elementos que possam ser formados como «pregadores leigos». Estes últimos serão formados a fim de fazerem pregações e conferências nas localidades onde se espera organizar durante «Missão 74» mais de uma campanha de evangelização. Estes pregadores leigos deveriam fazer a sua primeira experiência durante o mês de Outubro de 1973, mês que será chamado da pregação leiga.

5. Que o ano de 1973 seja o ano do «Socorro Adventista». É necessário desenvolver as actividades das sociedades de Dorcas, fazer planos com vista a uma ajuda mais agressiva à população e abrir por toda a parte onde seja possível, com o objectivo de evangelização, centros de beneficência onde serão dados gratuitamente, ou por uma quantia módica, cursos de socorrismo e outros... Além disso, organizar nas nossas igrejas e nos distritos equipas de socorros capazes de entrar em acção em caso de catástrofe nacional ou internacional.

## ESCOLA SABATINA



*Votado* recomendar a cada igreja e campo local da União o seguinte plano:

1.º Reunião de monitores da Escola Sabatina, que terá lugar no meio da semana,

com o seguinte programa:

15 minutos para estudar as necessidades da Escola Sabatina local

15 minutos para formar pedagogicamente os monitores

30 minutos para a exposição objectiva e prática da lição da Escola Sabatina.

2. Cada classe da Escola Sabatina deve ser um grupo de membros dinâmico, que conserve os seus membros através de uma apresentação dialogada da lição e de visitas sistemáticas ao domicílio. Recuperar os membros da Escola Sabatina que deixaram de comparecer às classes. Ganhar novos membros fixando-se como objectivo para cada classe da Escola Sabatina acrescentar pelo menos dois novos membros em 1973.

3. Pôr ao trabalho todas as classes da Escola Sabatina aumentando o número

- de Escolas Sabatinas Anexas;
- de pessoas que participam na classe de visitas dirigida pelo pastor;
- das Escolas Bíblicas de Férias, transformando-as em verdadeiras campanhas de evangelização infantil.

*Votado*, ainda, recomendar o seguinte plano:

1. Pôr em prática, o mais rapidamente possível, o plano da Escola Sabatina denominado «NOSSA PREOCUPAÇÃO».

2. Que este plano alcance os seguintes resultados:

- trazer de volta à Escola Sabatina os membros ausentes e os ex-membros;
- preparar a Escola Sabatina e as suas classes para os receber de maneira fraternal;
- estabelecer um plano para os manter no seio da igreja tornando-os úteis à congregação e fazendo deles ganhadores de almas.

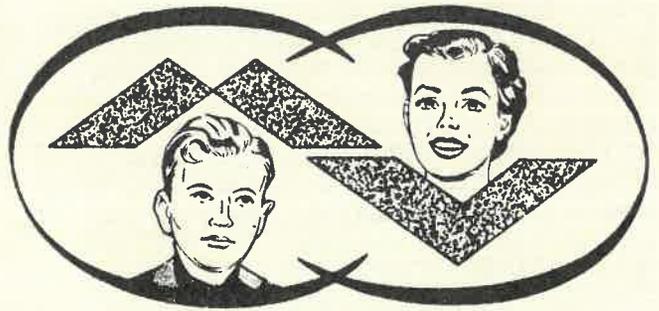
*Votado*, também, recomendar todo o cuidado para que o programa oficial da Escola Sabatina seja posto o mais rapidamente possível em prática, em todos os lugares, não esquecendo os 5 minutos especiais.

*Votado*, finalmente, que cada conselho da Escola Sabatina se reúna pelo menos uma vez por mês, a fim de estabelecer os seus planos de evangelização:

- precisar o que foi feito;
- o que há ainda a fazer;
- qual é o objectivo que se pretende alcançar e de que maneira poderá ele ser atingido.

(*Continua na pág. 20*)

# PÁGINA DOS JOVENS



## A PRIMEIRA JOVEM PORTUGUESA NO «SERVIÇO VOLUNTÁRIO ADVENTISTA»



Talvez haja alguns Irmãos que não ouviram, ainda, falar desta iniciativa do Departamento M. V.. Trata-se de um plano posto em prática pelos jovens, pois são eles que inteiramente o financiam com as suas ofertas e que nele participam indo dar um ano

de trabalho voluntário nas Missões, como professores, enfermeiros, carpinteiros, pedreiros, dactilógrafas, secretárias, etc., etc.

Todos os jovens dos 18 aos 30 anos que desejem dar um ano de serviço voluntário dentro dos seus conhecimentos intelectuais ou profissionais podem candidatar-se, através de uma carta dirigida ao Departamento M. V.

O primeiro jovem português a participar neste plano, foi a jovem Maria José da Soledade Silva Mendes, mais conhecida entre a Juventude pela «Misé». Vinda de Vila do Conde, onde pertence a uma Família, bem conhecida no nosso meio, pela sua dedicação e amor à obra do Senhor, esta jovem tem apenas 18 anos de idade, tendo como habilitações literárias o 7.º ano, ao qual faltam apenas algumas cadeiras; ela ofereceu-se para trabalhar na obra de educação.

Partiu do aeroporto de Lisboa no dia 10 de Novembro, onde muitos jovens se foram despedir dela, desejando-lhe uma feliz viagem e óptima experiência missionária.

Actualmente ela encontra-se na Missão do Bongo — Lépi, onde está lecionando o 1.º e 2.º ano do ciclo, dando as disciplinas de Ciências, História e Geografia. Tem 4 turmas, com 40 alunos cada. Como ela dizia numa carta a uma amiguinha: «Imagina

agora o trabalho que tenho para preparar lições, fazer pontos e corrigi-los...».

A nossa maior alegria é constatar que a Misé se sente feliz e realizada.

Numa sua carta enviada a uma jovem amiga ela afirma: «Sabes, estou muito feliz por ter vindo. Dei um novo sentido à minha vida, encontrei uma razão válida para existir, que é ser útil. Custa a separação, é certo, mas a compensação de saber porque se vive e que vale a pena, que somos precisos é maior que toda a saudade e solidão».

Nós também já temos saudades da Misé, mas estamos certos que o Senhor a ajudará e abençoará grandemente, dando-lhe uma excelente experiência missionária que a fortalecerá espiritualmente para toda a sua vida. Ficamos orando por ela e pedimos a todos os jovens que não a esqueçam nas suas preces.

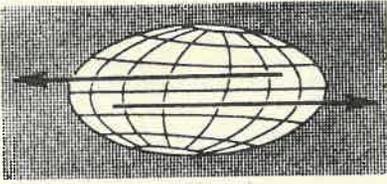
A. Baião

## MILITAR ADVENTISTA LOUVADO

É-nos grato registar o seguinte louvor, publicado na Ordem de Serviço n.º 288, de 14 de Dezembro de 1972, do Hospital Militar Regional n.º 1, do Porto:

«Louvo o Furriel Mil.º Enfermeiro n.º mec.º 11005070 — Alberto de Oliveira Fernandes, do RSS, em diligência neste Hospital, prestando serviço na Secretaria, desde 6 de Dezembro de 1971, como amanuense da Secção de Expediente, que sempre se revelou como um graduado trabalhador, metódico e dedicado pelos serviços que lhe foram confiados, trabalhando sempre que possível para os manter em boa ordem e em dia, tornando-se assim um óptimo auxiliar do Chefe da Secretaria.»

Que o seu exemplo possa inspirar outros jovens que se encontram fazendo o serviço militar.



# Através do MUNDO ADVENTISTA

## IRLANDA DO NORTE

A obra dos Adventistas do Sétimo Dia, tal como a de outras instituições e igrejas na Irlanda do Norte, continua a ser afectada pela situação política do país. Mas a obra prossegue.

Recentemente, pela segunda vez neste ano, as janelas da casa de C. M. Rhodes foram afectadas pela explosão de bombas, perto dos escritórios da Londonerry Development Comission.

Duas janelas da igreja adventista de Belfast ficaram com os vidros partidos quando a maior bomba utilizada até então durante os distúrbios da Irlanda do Norte explodiu na vizinhança, junto ao recentemente inaugurado hotel Russel Court. Enquanto me ocupava a varrer os estilhaços para fora da igreja, um representante do hotel veio indagar acerca dos prejuízos causados na igreja, e disse-me que uma estimativa do prejuízo causado ao hotel rondava os dois milhões de libras. Além disso três grandes hospitais foram muito danificados, bem como dezenas de casas. Na igreja adventista, recentemente decorada, apareceram brechas nas paredes. Quando algum vidro se parte numa janela, isso constitui um problema, pois é quase impossível encontrar vidros à venda na Irlanda do Norte.

Quando os distúrbios eclodiram a pouca distância da igreja, na até então pacífica vila de Larne, várias casas arderam, e mais de vinte pessoas foram feridas, e um jovem protestante foi morto. A igreja porém ficou intacta.

Estão sendo feitos planos para a Missão 73 na Irlanda do Norte. Ao enviarmos esforços para a continuação da pregação da mensagem entre o caloroso povo irlandês, nas suas martirizadas cidades, e mesmo nas suas verdes colinas, sabemos que as orações dos nossos irmãos espalhados pelo mundo estão sendo neste momento oferecidas em nosso favor.

Victor H. Cooper

## PAQUISTÃO

A recente decisão do governo paquistanês de nacionalizar todos os estabelecimentos de ensino pertencentes a denominações religiosas, excepto a Pakistan Union School (Escola da União do Paquistão), que pertence à igreja Adventista do Sétimo Dia, tornou possível aos membros do Conselho Cristão paquistanês o conhecimento dos princípios educacionais adventistas tais como foram estabelecidos no livro *Educação* da senhora E. G. White, e noutros livros.

Não são comuns as circunstâncias em que tal facto se deu. O conselho, que é composto por dirigentes cristãos do Paquistão, tinha marcado uma reunião para o dia 1 de Setembro de 1971. Nesse mesmo dia todas as escolas cristãs foram nacionalizadas.

Esta decisão do governo, após a guerra indo-paquistanesa, fazia parte do programa governamental de nacionalização. Terrenos particulares, organizações comerciais, facilidades educacionais, foram postos na lista de prioridade com vista a uma nacionalização, pois era objectivo do governo uma redistribuição da riqueza bem como um melhoramento geral do homem do povo.

As esperanças do conselho foram completamente deitadas por terra. A sua terra e os seus edifícios não foram nacionalizados, mas foi-o todo o programa escolar. Isso significava que as escolas passavam a ser administradas segundo a política governamental por administradores escolhidos pelo governo, com poderes de remodelação de quadros. As missões passavam a pagar contribuições e impostos que revertiam a favor dessas escolas.

Mas a pergunta que o conselho se fez foi a seguinte: por que razão a escola Adventista não foi nacionalizada? A fim de descobrir a resposta, pediram a George P. Babcock, director da nossa escola no Paquistão, e simultaneamente secretário do departamento de educação da União, que lhes explicasse a filosofia educacional dos adventistas.

Providencialmente, acabava de chegar um grande número de livros *Educação* destinados a serem utilizados durante o ano lectivo na nossa escola. O pastor Babcock munuiu-se de um certo número de exemplares e dirigiu-se para o conselho. Ali introduziu a sua apresentação com a distribuição de um exemplar por cada pessoa presente, lendo com eles todo o primeiro capítulo. Falou então a um auditório atento durante mais de duas horas sobre o nosso programa educacional e os princípios apresentados em livros tais como *Educação*, *Conselhos aos Pais, Estudantes e Professores*, e *Fundamentos da Educação Cristã*.

~ Ao terminar, os membros do conselho fizeram-lhe perguntas durante mais de uma hora e meia, sobre o nosso sistema educacional relacionado com os princípios adventistas. Um dos membros do conselho afirmou que tinha sempre pensado que E. G. White era um dos autores mais diabólicos do mundo. Mas agora, confessava e se sentia levado a aprender daqueles que a ela davam ouvidos.

Ninguém poderá predizer por quanto tempo poderemos ainda continuar a manter o nosso colégio no Paquistão como instituição privada. O facto de não nos ser exigida contribuição financeira, como imposto, é prova que o governo nos está dando um periodo de graça. Uma outra razão de ainda continuarmos a dirigir a nossa escola como antes, é o facto de continuarmos procurando preparar os nossos jovens para o serviço. Os nossos alunos são quase todos jovens cristãos. Uma grande percentagem pertence à igreja adventista.

Deus está usando esta instituição para levar a mensagem a outros, mesmo a meios pouco acessíveis. Cremos que Deus nos ajudará a manter a escola até ao momento em que não mais poderá continuar a servir o divino propósito para o qual foi fundada.

Mrs. George C. Johnson

## CHILE

Humberto Campo é um motorista de taxi em África, no Chile. No seu emprego tem a possibilidade de testemunhar pela verdade a cerca de 14 pessoas por dia, falando-lhes da segunda vinda de Jesus e de outras verdades. Ele tem essa possibilidade, em parte facilitada pelo nome que deu ao seu taxi — Maranata. Frequentemente



*Humberto Campo*

mente um passageiro pergunta: «Desculpe, senhor, mas sou curioso. Que significa a palavra Maranata?» Isto dá a Humberto o ensejo que procura. Como resultado, não tem mãos a medir dando estudos bíblicos àqueles que se têm interessado pelas suas palavras.

Antes Humberto era encarregado de uma grande plantação industrial. Frequentou a igreja Adventista do Sétimo Dia durante muitos anos, mas não podia ser baptizado por não guardar o Sábado no seu emprego. Teve então três ataques cardíacos. Após o terceiro está convencido que está vivo apenas devido ao poder e misericórdia de Deus. Fez imediatos arranjos com a companhia para a qual trabalhava para se reformar, baptizou-se, e presentemente angaria o seu sustento como motorista de taxi. É ali que dá o seu testemunho. Desde que deu este importante passo, tem desfrutado de boa saúde.

*Werner B. Mayr*

## BERMUDAS

### Portugueses ganhos para a fé

Tudo começou na corda de estender roupa com uma palavra amável e a mão auxiliadora de uma vizinha adventista, a Sr.<sup>a</sup> Atalana Vieira. Sua amabilidade deu origem a estudos bíblicos na família Almeida, que culminaram numa cerimónia baptismal realizada na igreja adventista do sétimo dia de Warwick, nas Bermudas.

O Sr. e a Sr.<sup>a</sup> Miguel Almeida, ex-católicos romanos, que há pouco foram dos Açores para as Bermudas, são portugueses que falam muito pouco inglês. São apenas uma das mais de mil famílias portuguesas que vivem nas Bermudas.

Tanto o Sr. como a Sr.<sup>a</sup> Almeida trabalham para o Governo das Bermudas como contínuos de uma escola oficial. Sua vizinha, a Sr.<sup>a</sup> Vieira, membro da igreja de Warwick, fala tanto o português como o inglês.

A Sr.<sup>a</sup> Almeida teve conhecimento de que a sua vizinha, Sr.<sup>a</sup> Vieira, sabia falar português, e uma manhã, enquanto dependurava a roupa lavada da semana, mencionou casualmente que desejava que os seus filhos comessem a frequentar uma escola dominical. A irmã Vieira imediatamente se ofereceu para levar consigo as crianças à igreja, mas foi cautelosamente dizendo que a sua igreja guardava o Sábado e não o Domingo. Isto era, naturalmente, por completo estranho para os Almeidas, mas dadas as boas relações existentes com a amável vizinha que falava a sua língua, a Sr.<sup>a</sup> Almeida permitiu que os seus filhos comessem a frequentar a Escola Sabatina de Warwick.

Cada semana, ao voltarem da Escola Sabatina, as crianças explicavam em português aos seus pais as interessantes experiências que tinham tido.

Passados alguns Sábados foram combinados estudos bíblicos em casa dos Almeidas, dirigidos pelo Ir. e a Irmã Vieira. A medida que os estudos avançavam para verdades doutrinárias cada vez mais profundas, David Bento, ancião local da igreja adventista do sétimo dia de Warwick e experimentado ganhador de almas, foi chamado para ajudar nos estudos. Como o Ir. Bento também falava português, tornou-se um valioso instrumento ajudando os Almeidas a compreender esta estranha nova doutrina.

Algumas semanas antes de começar a cruzada de MIS-SÃO 72 os Almeidas estavam já frequentando a igreja cada semana, sentando-se no banco da frente, onde a Ir. Vieira lhes traduzia o sermão.

Quando começou a cruzada, assistiram regularmente e foram baptizados na igreja de Warwick durante essa cruzada evangelística.

Estudos bíblicos semanais continuam a ser feitos em casa dos Almeidas e agora outro casal português se uniu ao grupo e está recebendo instrução.

*James Madson*

## LIBÉRIA

### O Presidente da República inaugura uma escola Adventista

Foi recentemente inaugurada uma nova escola secundária Adventista em Monróvia, capital da Libéria. A cerimónia inaugural foi presidida pelo Dr. W. R. Tolbert Jr., presidente da República da Libéria. Seguidamente, o Dr. Tolbert entregou a chave do edifício à senhora E. Sandimanie, comissária distrital da comunidade de Monróvia. Por sua vez, esta transmitiu-a a M. I. Harding, secretário do Departamento de Educação da Missão da Libéria. O Dr. Tolbert foi durante alguns anos presidente da Aliança Mundial das Igrejas Baptistas.

Algumas semanas antes da abertura da escola, o Dr. Tolbert e sua Esposa contribuíram com cerca de oitenta mil escudos



*O Presidente da Libéria, Dr. W. R. Tolbert, entregando a chave da escola*

para que fosse terminada. O Dr. Tolbert encorajou ainda outras personalidades a contribuírem no decorrer de uma recolha de dinheiro feita com o propósito de angariar fundos para que se pudesse acabar a construção. Com a ajuda do Dr. Tolbert e graças à sua influência foram levantados mais de quinhentos contos em duas horas. Anteriormente tinha sido recebido um donativo de cerca de dois mil contos proveniente da Agência Internacional Sueca de Desenvolvimento «Salvai as Crianças».

No seu discurso inaugural, o Dr. Tolbert estimulou as organizações eclesiais a construírem mais escolas no seu país que possibilitassem um crescimento espiritual a par da edu-

*(Continua na pág. 19)*

# SINAIS

## DOS TEMPOS

Pelo Dr. J. Sandoval Melim

—Se eu sentir desejo de roubar esta loja aqui em frente de nós, fá-lo-ei. A este acto não se pode aplicar a designação de bom ou mau.

—Como explica isso, Michael?

—Bem. Há uma unidade mútua entre o universo e o indivíduo. Uma harmonia cósmica. Deus, se quiser. Quando actuo é o «deus» actuando em mim. Impulsionando-me. É-me impossível resistir-lhe. Eu roubo a loja, mas o acto não é o meu acto. É a verdade.

—Gostaria que me dissesse o que pensa ser a verdade.

—A verdade é o que me faz feliz.

Era um Sábado de tarde. O mês era Maio. O ano, 1972. O local era Eugene, Oregon, E. U. A.

No centro de Eugene está localizada a Universidade de Oregon, a qual domina a perspectiva, ideais e consecuições da maioria dos seus habitantes. Estes são operários, professores, estudantes, comerciantes e industriais. Como em muitas outras cidades universitárias. Os oitenta mil habitantes de Eugene espalham-se por uma área plana, o vale do Willamette, plana mas vasta, tão vasta como a que ocupa o milhão de habitantes de Lisboa. Quase cada família vive e sonha em vivenda própria. E quase cada vivenda está rodeada de um gramado verde, amplo, referescante.

Não há muros. Passa-se directamente da rua para o passeio e deste, por uma passagem estreita, geralmente de cimento, através da grama verde, para o alpendre. Aqui, recatada, mas acolhedora, a porta de casa. Característico.

Há cerca de 3 anos, a Câmara Municipal de Eugene decidiu fechar ao trânsito de automóveis uma secção fortemente comercial da cidade. J. C. Penney, Sears, Montgomery Ward, Woolworth, estão ali com os seus grandes estabelecimentos do tamanho de um Grandela ou de um Chiado.

Procederam-se a remodelações. Erigiram-se fontenários e esculturas modernas. Descontraídos pela falta do Automóvel, os compradores, ou os apenas visitantes, acoendem em multidão. Descansam em bancos, construídos na via pública, comem em restaurantes, refrescam-se com gelados.

A esta área da cidade chamam-lhe Eugene Mall — Alameda de Eugene.

Nesse Sábado de Maio, entrei na Alameda de Eugene com vinte revistas debaixo do braço esquerdo — *Signs of the Times* (Sinais dos tempos) e *These Times* (Esta época) — disposto a oferecê-los aos transeuntes, em especial aos jovens.

—Muito boa tarde. Se gosta de actualidades, aqui tem para ler.

—Muito obrigado.

Três jovens estendidos no chão: dois rapazes e uma menina vestidos de trapos com cabelos longos e despenteados. As calças curtas deixavam a descoberto o cisco que se havia acumulado junto aos arte-lhos...

Encontrei Michael Turturici quando não tinha já senão duas ou três revistas. Ofereci-lhe uma. Aceitou-a. Pouco depois, quando estava a estender uma outra revista a uma outra pessoa, senti que alguém me tocava no braço. Voltei-me. Michael estava junto de mim e procurava entregar-me a revista que lhe havia oferecido pouco antes.

—Obrigado. Não quero. Pensei que fosse outra coisa.

—Que pensou?

—Oh, algo sobre a nossa música.

—Você gosta de música?

—Sim, parece-me que é na música que encontrei a libertação.

—Chamo-me Sandoval.

—Eu chamo-me Michael.

Sentámo-nos num dos tais bancos em frente das ofuscantes vitrinas de J. C. Penney.

Olhei para Michael. Calção curto, roto. Camisola interior, manchada. Nada mais. Uns pelos de sempre, semeados sobre a face magra e sem cor. Uns pés descalços ao fim de umas pernas magrinhas. Mãos expressivas, mas trémulas. Cabelos que não tiveram força para crescer. Lisos. Olhos cavados, quase sem expressão, alagados frequentemente de lágrimas, onde brilhava a espaços um clarão alucinante.

—Que idade tem, Michael?

—Vinte um. Você é pastor, ou coisa assim parecida?

Não havia irreverência na sua voz nem no seu gesto.

Começou a invadir-me uma simpatia imensa.

— Michael, tenho um Amigo que gostava tanto que conhecesse.

Passaram, mesmo à nossa frente, duas meninas com saias quase até às coxas, rindo. Uma com sandálias, a outra com pés descalços. Seguiu-as um garotito, que se aproximou de nós. Pensei que fosse amigo de Michael. Ouviu, por instantes, a nossa conversação, parado, de pé. Em silêncio. Olhei para os seus olhos e senti medo. Era o vácuo, o penoso desfolhar do botão, antes do tempo. Descalço, calção curto e camisa aberta. Não teria mais do que quinze anos.

— Para si. Leia. É uma boa revista.

Encolheu os ombros, mas no vácuo nada brilhou.

Instantaneamente comecei a compreender os cabeçalhos dos jornais: «Homem, munido de carabina, mata 6 e fere 20 antes de ter sido dominado. Sem razão aparente»; «Jovem, abre fogo da torre da Universidade do Texas. Mata 16 transeuntes. Sem razão aparente».

Olhei à minha volta. Sentia que tudo podia acontecer. Era o «acto gratuito» das literaturas Gideana e Sartriana, ali, no vivo.

— O céu está agora ligado à terra. Foi construída uma ponte. Michael, essa ponte é Jesus Cristo.

— A religião não explica coisa alguma. Há manifestações apenas da energia cósmica. A força universal manifesta-se. Tudo são manifestações da mesma fonte. Não há bem nem mal.

— Há milhões de coisas que o homem não fez. Você tem-nas visto, às vezes, como buracos no tecto da terra, não é verdade?

— Sim. Mas nada sinto. A minha revelação está dentro de mim. O que eu sinto, existe. O que não sinto, não tem importância.

— Jesus diz que vivia junto d'Aquele que criou essas coisas que o homem não fez, nem podia fazer, nem pretende ter feito. E, depois veio visitar-nos. Há um ponto de contacto.

— Usei LSD durante dois anos e meio. Sabe, é quase o limite.

— E abandonou?

— Sim. Foi terrível... Agora fumo «erva».

— Não lhe parece que a marijuana é também uma droga perigosa?

— Não. Não é cumulativa e os seus efeitos são passageiros. O LSD é que me deixou assim.

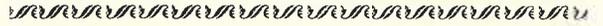
E mostrava as mãos trémulas.

— Agora há quase um ano que uso só erva. O LSD foi a libertação, a revelação instantânea da minha presença no universo e da unidade cósmica. Foi o meu escape.

— Com quem vive Michael?

— Dois mais como eu fazemos música. Agora só nos faltam catorze mil dólares de material. Depois começaremos a viajar. Tocaremos e cantaremos a nossa música. É a minha revelação. É assim que entramos em contacto com o universo. Esta é a minha ponte.

Levantámo-nos. As suas mãos tremiam, mas os seus olhos aguados não tinham expressão...



## CURSOS DE LEITURA PARA M. V.

Como de costume, o Departamento dos M. V. está pondo ao alcance dos jovens e tições Cursos de Leitura a preços verdadeiramente excepcionais.

São os seguintes os Cursos de Leitura para 1973:

### Para Jovens

*Juventude Ameaçada*, obra de grande actualidade, preparada pelo Departamento de Temperança da Conferência Geral, com impressionantes experiências de vítimas da droga — uma das grandes ameaças e flagelos do nosso tempo. 138 páginas.

*Uma Verdade Desconhecida*, por Charles L. Taylor. Comovente narrativa da experiência de um jovem, que através de uma Bíblia oferecida por sua mãe foi levado a Cristo e ao Seu Sábado. 135 páginas.

*Pasteur*, por Alide Sims Malkus. Biografia do grande crente e cientista, que empregou os seus talentos em benefício da Humanidade. 128 páginas.

Preço das três obras para o público 105\$00  
Preço especial para os jovens . . . 50\$00

### Para Tições

*Sibanda e Outras Histórias*. Livro de palpitante interesse, que nenhum tição deve deixar de ler.

Preço para o público . . . . . 40\$00  
Preço especial para os tições . . . 25\$00



# FIRMES E VERDADEIROS

Seguido de uma nuvem de poeira, o jeep verde escuro do exército desceu a colina e travou bruscamente no *bwalo* (centro) da Missão de Malamulo. Um oficial britânico saltou, de pasta na mão, e dirigiu-se com passo largo para o edifício dos escritórios. O director do colégio, W. B. Higgins, encontrava-se ocupado à secretária. Vendo a porta aberta, o oficial entrou e apresentou-se.

«Sou o major....., do Departamento da Defesa da Niassalândia, e estou a visitar todas as escolas missionárias, para proceder ao recrutamento. Pensei em parar aqui, visto vocês terem uma das maiores escolas do distrito. Gostaria de escolher alguns rapazes jeitosos para a tropa. Até aqui, todas as missões que visitei enviaram rapazes, umas mais, outras menos. Posso apresentar o assunto aos seus rapazes?»

O Pastor Higgins ficou por um momento sem saber o que dizer. Este era um assunto que devia ser ponderado com muito cuidado. Aparentemente este oficial não conhecia os princípios adventistas de os nossos rapazes não combaterem. É certo que alguns rapazes não baptizados, mas que frequentavam a missão, não teriam quaisquer escrúpulos em irem para a tropa. Fosse qual fosse a sua atitude, devia evitar dar a impressão de que os adventistas não eram cem por cento leais ao governo. As notícias que vinham da Europa não eram nada boas nos últimos tempos. O governo estava particularmente empenhado em encontrar homens aptos para os seus quadros militares.

«Major....., não vejo porque não deva apresentar o seu assunto aos alunos, e não lhes proponha a entrada no exército,» respondeu o Pastor. «Ora vejamos. São agora onze e meia, e os rapazes estão no *gome* (refeitório) a tomar o almoço. Venha comigo até minha casa. Depois do almoço, pelas duas horas, os alunos voltarão para as suas classes, e será o momento de os encontrar reunidos.»

«Fico-lhe muito grato, senhor Higgins, mas tenho o meu almoço no jeep, e não desejo dar-lhe incómodo. É bom ver que a sua esposa não está a contar comigo.»

As suas objecções foram todavia refutadas, e ele sempre foi almoçar com o Pastor Higgins. Durante a refeição, ouviram o sino tocar para as aulas. O sino era um grande bocado de ferro que batia contra um cilindro do mesmo metal.

Dirigiram-se então para o auditório, onde era possível reunir toda a gente. Todos os professores receberam a indicação de fazer conduzir os seus alunos para o local indicado. Pouco depois mais de duzentos rapazes estavam sentados aguardando ouvir o que havia para lhes dizer.

Em poucas palavras o Pastor Higgins apresentou o major, convidando-o a falar em seguida. O oficial começou a sua palestra em termos vigorosos, descrevendo a guerra que estava a ter lugar, a maneira como os italianos tinham subjogado a Etiópia e a ameaça que o Egipto enfrentava, juntamente com o inestimável Canal do Suez. Falou da necessidade que o exército tinha de jovens dispostos a lutar pelo seu rei e pelo seu país. Apresentou um quadro negro do destino que lhes sobreviria se Hitler ganhasse a guerra, lembrando-lhes que o ditador alemão tinha afirmado ser um crime contra Deus educar os pretos. Fez então uma descrição do que era a vida na tropa, do bom salário, da boa comida, das acomodações gratuitas, etc. Fez em seguida um apelo para quem quisesse alistar-se como voluntário.

Os alunos permaneceram em silêncio, sem que nenhum deles fizesse qualquer observação. Não muitas semanas antes tinham visto numa reunião social um filme onde eram mostradas cenas horríveis da guerra. Lembrando-se delas, das bombas que caíam, dos edifícios que ruíam, do fogo das metralhadoras, sentiram um desejo instintivo de ter o mínimo possível que ver com a guerra do homem branco.

«Está bem,» disse o major ao notar a hesitação deles. «Podem tomar alguns minutos para pensar. Não devem dar esse passo apressadamente.»

Mas ao decorrerem dois ou três minutos, e vendo que nenhuma resposta era dada, o major pensou adivinhar a razão da relutância que os rapazes tinham em falar.

«Senhor Higgins», disse, voltando-se para o director que estava sentado atrás dele, «penso que sei porque é que eles hesitam. Têm medo de perder o lugar na escola se forem para a guerra. Sei que a maioria das escolas está superlotada na Niassalândia. Não lhes pode prometer que terão sempre o seu lugar garantido quando voltarem para a escola após a guerra?»

«Posso prometer isso,» respondeu o Pastor Higgins.

Foi então que um aluno, alto e magro, se levantou.

«Por favor, senhor, gostaria de fazer uma pergunta.»

«Certamente. De que se trata?»

«No Exército, se nós formos para lá, ser-nos-á permitido guardar o nosso Sábado?»

O major ficou um pouco surpreso.

«Bem, não creio que isso vos seja possível. Compreende, na guerra a luta pode travar-se em qualquer dia da semana. Muitos soldados são cristãos, e contudo têm de lutar ao domingo. Não, lamento, mas não vos posso prometer a dispensa ao Sábado.»

Shem Mwafuliwa, que tinha feito a pergunta, olhou então fixamente para o major.

«Nesse caso, senhor, não estamos interessados.» E sentou-se.

Para o oficial tal atitude pareceu como que o fim da jornada. Voltou-se e perguntou ao Pastor Higgins:

«Este parece ser um obstáculo de peso para o alistamento dos seus rapazes. Tem alguma sugestão para contornarmos o problema?»

«Major .....», respondeu o pastor Higgins, «Há milhares de Adventistas do Sétimo Dia que guardam o Sábado e que não usam armas nas forças dos Estados Unidos e em outros países.»

«Mas como conseguem fazer?»

«Vão para o serviço de saúde. Quando surge uma emergência, podem cuidar dos feridos e ministrar-lhes auxílio mesmo ao Sábado.»

A face do major iluminou-se.

«Bom, então temos a solução. Sei que temos falta de pessoal no departamento médico, e o comandante médico ficará contente em receber alguns rapazes conscienciosos como são os seus.»

O oficial explicou então com paciência as oportunidades que o departamento médico dava e convidou de novo os jovens a levantarem-se. Shem e mais dois amigos puseram-se de pé mostrando-se dispostos a ir para Zomba a fim de se unirem ao corpo médico. O major deixou instruções sobre a maneira como se deviam deslocar e partiu no jeep rumo a outra escola.

Quinze dias depois os três adventistas chegaram ao quartel-general do exército em Zomba. Receberam uniformes, e foi-lhes indicado o lugar onde deviam dormir na caserna, bem como as regras de comportamento do exército. Como tinha sido antes estipulado, foram colocados num grupo de homens seleccionados sob a dependência do departamento médico.

Como era hábito com todos os recrutas, os nossos rapazes, juntamente com cerca de cinquenta, foram submetidos a um teste de inteligência, poucos dias depois de terem chegado a Zomba. Quando os resultados foram levados ao comandante, este constatou com satisfação que vários tinham feito muito bem. Os três rapazes de Malamulo estavam entre os dez primeiros. Mandou então chamar o imediato.

«Estes rapazes têm cérebros que merecem um trabalho muito mais importante que tirar temperaturas e limpar o soalho dos hospitais. Tenho outra missão para eles. Peça-lhes que venham ao meu gabinete amanhã de manhã.»

Dez rapazes foram trazidos à presença do comandante. Após a continência, ficaram à espera que lhes fosse comunicado o que havia para lhes dizer.

«Sinto-me contente por constatar que vocês fizeram muito bem nos testes a que foram submetidos. Tenho agora uma boa novidade para vos dar. Vão ser transferidos do departamento médico para uma especialidade do exército. O vosso uniforme será melhor, e o vosso pré será três vezes mais elevado que na enfermagem. Estais todos de acordo com a transferência?»

Uma vez mais Shem falou pelos outros companheiros.

«Teremos oportunidade de guardar o Sábado?» perguntou.

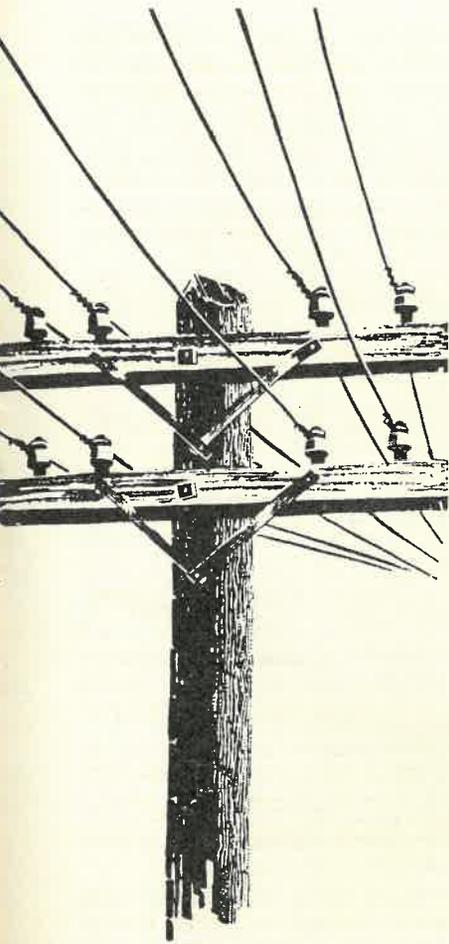
O oficial ficou surpreendido. Ele já tinha ouvido falar destes rapazes de Malamulo que tinham problemas de consciência.

«Todos os que aceitam esta proposta podem retirar-se.» Sete rapazes, após a continência, deram meia volta e retiraram-se.

«Vamos agora ver o vosso problema do sábado,» disse, enquanto franzia o sobrolho para os três rapazes. «A resposta à vossa pergunta é não. Não se pode guardar o sábado no exército. Vejam, eu sou um cristão, e gosto de ir à igreja ao domingo, mas não posso — pelo menos enquanto a guerra não terminar. Se não ganharmos esta guerra, Hitler virá e não tereis mais nenhuma igreja nem sábados nem mesmo religião cristã. Temos de ganhar a guer-

*(Continua na pág. 20)*

# NOTÍCIAS DO CAMPO



## Nelson Wolff

Em 20 de Dezembro chegou do Brasil a caminho de Angola, onde vai exercer o seu ministério como missionário, o Pastor Nelson Wolff, acompanhado de sua esposa e de seus três filhos.

## SANTARÉM

### Baptismos

Pela primeira vez, na breve história da igreja de Santarém, (tem apenas 11 meses como igreja organizada), tivemos o grato privilégio de registar os primeiros baptismos, dentro da própria congregação, uma vez que os anteriores foram realizados noutros lugares.

Foi, talvez, o acontecimento mais importante, entre os que, com a ajuda do Céu, foi possível levar a efeito. Uma igreja sem baptistério, como disse um dirigente nosso, é como uma casa sem cozinha. Este, que inaugurámos, é muito simples, sem deixar de ser funcional.

Trata-se de um baptistério desmontável que se arma com relativa facilidade e que pode, assim, resolver o problema de não ser possível uma construção definitiva, dado que a sala tem dimensões bastante limitadas.

O dia 9 de Dezembro de 1972 foi, portanto, de grande regozijo para toda a comunidade dos crentes de Santarém. A sala estava completamente cheia e muitas das pessoas eram visitas e amigos nossos e outros encontravam-se ali pela primeira vez.

Quem nunca tinha assistido a uma tal cerimónia, pôde constatar pelas mensagens, e pelo acto em si, o que é e como se faz o verdadeiro baptismo, tal como Cristo e os Apóstolos o praticavam. Conclue-se rapidamente que o baptismo por aspersão, como o faz a maioria das denominações cristãs não é, nem se devia chamar a esse acto «baptismo». Mas o mesmo devia ter uma outra designação, porque foge à legitimidade do seu significado. No fim do serviço religioso, essas pessoas vieram comunicar-nos palavras de simpatia e apreciação, para não falar de uma certa emoção que sentiram quando aquelas quatro prezadas irmãs declararam publicamente que rompiam com o mundo para lutarem por um ideal válido para esta vida e para a futura. São elas uma

jovem adolescente, a Anabela da Graça Sequeira e Celeste Paula Silva e uma irmã um pouco mais idosa, Perpétua do Rosário Gomes, todas pertencendo ao grupo de S. João da Ribeira, constituído por membros fiéis de longa data e de uma hospitalidade sem limites.

Oficiou o pastor local, coadjuvado por seu pai nalgumas partes do programa e por sua esposa nos cânticos. Os diáconos e as diaconisas deram a melhor colaboração para que tudo decorresse «decentemente e com ordem». Aos novos membros damos uma vez mais as melhores boas-vindas ao seio da igreja e que o Senhor assista em todos os actos da sua vida e que correspondam ao Seu amor na prática dos princípios e do testemunho.

### Exposição de trabalhos manuais

A exemplo do que foi feito no ano passado e com resultados muito animadores, voltámos a realizar esta Exposição que desejaríamos que entrasse na tradição da Assistência Social Adventista da igreja escalabitana.

Muitos trabalhos foram reunidos (algumas centenas) com o objectivo de, ao ser expostos, serem vendidos. O produto monetário alcançado já beneficiou



Santarém — Os quatro membros recém-baptizados

algumas famílias pobres dos bairros humildes da cidade. Conhecemos casos desesperados, como o de uma jovem mãe com oito filhos. Ela é muito doente e de vez em quando é hospitalizada. Os filhos, todos menores, portanto, ficam entregues a si mesmos, ou à caridade de alguma vizinha. Não têm roupas suficientes para o inverno, andam descalços e quando almoçam já não jantam. O pai é igualmente doente, bem como alguns dos filhos. Está ausente, em Angola, procurando uma vida melhor. A pobre mulher anda de porta em porta, quando o pode fazer, e cada dia que passa é para ela uma aventura, que nós não sabemos avaliar, para salvar a sua família sem garantias nem protecções. Está o prezado leitor impressionado com isto? Pois bem, não basta impressionar-se. Pense nesta família e daqui lhe enviemos um apelo para qualquer ajuda material que a sua consciência lhe ditar. Comunique connosco para a Praceta Pedro Escuro 20, 4.º, Dto., Santarem, ou pelo telefone 25071.

Saudações do vosso dedicado

*Paulo Tito Falcão*

## AVEIRO

### Plano dos Cinco Dias para Deixar de Fumar

Realizou-se na Igreja de Aveiro na última semana do passado mês de Novembro um ciclo de reuniões com o objectivo de auxiliar as pessoas viciadas no tabaco e ao mesmo tempo chamar a atenção para a presença da nossa Igreja nesta cidade. Os trabalhos foram dirigidos pelo pastor Sandoval Melim que, com a colaboração do signatário, teve ocasião de chamar a atenção para os perigos do tabaco e para os meios de lutar contra este terrível vício. Foi pena que as pessoas não acorressem à Igreja em elevado número pois que os programas tiveram um interesse bastante razoável notando-se que todos os participantes no «Plano» colheram reais benefícios, sendo de destacar um indivíduo que fumava há cinquenta anos que conseguiu abandonar completamente o tabaco. Pensamos repetir a experiência aqui em Aveiro, mas fora da sala da Igreja, na expectativa que, deste modo, e com uma maior publicidade, possamos obter melhores resultados. Não gostaria de deixar de registar com satisfação que os jornais do Norte que se publicam diariamente assim como os semanários aveirenses

anunciaram graciosamente as nossas reuniões e tendo-se referido a maior parte ao teor de algumas reuniões.

*J. Manuel de Matos*

## COIMBRA E FIGUEIRA DA FOZ

Em Coimbra, de 10 a 14 de Dezembro, e na Figueira da Foz de 17 a 22 do mesmo mês, realizaram-se diversas reuniões no âmbito do «Plano dos cinco dias para deixar de fumar».

No primeiro destes lugares — em Coimbra — os resultados foram bastante animadores em relação aos prognósticos mais optimistas. Houve um esplêndido número de interessados em deixar de fumar com destaque para um grupo de estudantes e alguns professores. Contámos na maior parte das reuniões com um jovem médico — igualmente interessado em deixar de fumar — o qual, pela sua presença e pelas suas intervenções, concorreu para o ânimo das reuniões. Registámos com prazer a sua oferta de colaborar connosco num programa do género mas na área do alcoolismo o que, diga-se de passagem, muito útil poderia vir a ser se nos recordarmos que existem presentemente no nosso País cerca de 500.000 alcoólicos. Foi igualmente animador o facto de termos recebido uma carta do Liceu Nacional na qual o Reitor nos manifestava o interesse em que os filmes e demais material educativo sobre o tabaco fossem apresentados aos alunos no Liceu.

O «Plano» em Coimbra foi uma excelente jornada no do-

mínio da temperança e da saúde e deu-nos a possibilidade de chamar a atenção de certo número de pessoas para a existência da nossa Igreja e sua obra social. Todos aqueles que se libertaram do fumo não deixarão de associar o facto ao auxílio prestado pela Igreja Adventista com as boas e naturais consequências que daí poderão advir.

Quanto à FIGUEIRA DA FOZ as reuniões decorreram duma forma assaz diferente. Começámos por registar um aspecto amplamente positivo. As reuniões foram realizadas no salão nobre do Grémio do Comércio no casa do Paço — mui excelente local de reuniões — que nos foi cedido sem encargos de nenhuma espécie graças à colaboração do proprietário do edifício e à do director da referida agremiação. Pena foi que o número de assistentes fosse tão reduzido em relação ao que animosamente todos esperávamos. Mesmo assim a experiência não foi de todo desencorajante pois que no fim das reuniões havia várias pessoas que deixaram de fumar, outras diminuíram bastante o consumo do cigarro e outras — não fumantes — enraizaram-se fortemente na sua posição anti-tabagista.

Tanto nas actividades de Coimbra como nas da F. da Foz as partes de fisiologia e terapêutica couberam ao pastor Sandoval ficando a informação ao cuidado do signatário. Aos trabalhos do «Plano» associaram-se alguns diáconos e jovens aos quais desejamos manifestar a nossa gratidão.

*J. Manuel de Matos*



*Portálegre — Membros recentemente baptizados*

## Aguardando a Ressurreição

No dia 5 de Novembro faleceu em Tomar a Irmã Maria Augusta Fernandes, com 65 anos de idade e 35 anos de membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Era mãe da Irmã Idalina Mendes (esposa do Pastor Fernando Mendes) e da Irmã Ermelinda Graça (esposa do Pastor Eduardo Graça).

A família enlutada lembramos a maravilhosa esperança da primeira ressurreição.



## Através do MUNDO ADVENTISTA

(Continuação da pág. 12)

cação intelectual necessária para fazer dos jovens, membros de valor para a sociedade.

Esta escola secundária Adventista possui além de nove boas salas de aula e de um «auditório», instalações para o corpo docente.

Entre as entidades presentes à cerimónia inaugural, encontrava-se presente o ministro da Educação da Libéria, G. Flamma, e o embaixador da Libéria, Hans Skild.

### DIVISÃO EURO-AFRICANA

Têm sido feitos planos para que a nossa mensagem penetre na Nigéria e no Gabão. Estes dois países são os únicos territórios nos quais ainda não penetrámos, na União da África Equatorial. O primeiro missionário entrará na Nigéria em 1973, e no ano seguinte será a vez do Gabão.

*E. E. White*

### DIVISÃO TRANS-AFRICANA

Um *team* de Missão 72, dirigido por João Chaves e Carlos Cordeiro está trabalhando de uma maneira particular entre os portugueses de Joanesburgo. Numa das reuniões inaugurais da recente campanha de evangelização, tiveram uma assistência de mais de 680 pessoas.

*Desmond Hills*

## TABELA DO PÔR-DO-SOL DE SEXTA-FEIRA

	LISBOA	FUNCHAL	P. DELGADA
<b>Janeiro</b>			
5	18:29	18:16	17:38
12	18:36	18:21	17:44
19	18:44	18:27	17:52
26	18:51	18:34	17:59
<b>Fevereiro</b>			
2	19:00	18:41	18:06
9	19:08	18:47	18:14
16	19:15	18:53	18:22
23	19:23	19:01	18:29
<b>Março</b>			
2	19:31	19:05	18:36
9	19:37	19:10	18:44
16	19:44	19:17	18:51
23	19:51	19:21	18:56
30	19:58	19:26	19:04
<b>Abril</b>			
6	20:05	19:32	19:10
13	20:11	19:36	19:16
20	20:18	19:40	19:22
27	20:25	19:45	19:29
<b>Mai</b>			
4	20:31	19:52	19:36
11	20:38	19:56	19:42
18	20:44	20:00	19:47
25	20:50	20:07	19:54
<b>Junho</b>			
1	20:56	20:11	19:59
8	21:00	20:12	20:02
15	21:03	20:15	20:06
22	21:05	20:18	20:08
29	21:06	20:19	20:09
<b>Julho</b>			
6	21:05	20:19	20:07
13	21:02	20:17	20:05
20	20:57	20:14	20:02
27	20:53	20:10	19:57
<b>Agosto</b>			
3	20:46	20:05	19:50
10	20:38	19:58	19:43
17	20:30	19:51	19:33
24	20:19	19:42	19:23
31	20:09	19:35	19:15
<b>Setembro</b>			
7	19:58	19:25	19:04
14	19:47	19:15	18:52
21	19:36	19:08	18:44
28	19:24	18:57	18:31
<b>Outubro</b>			
5	19:14	18:47	18:20
12	19:04	18:40	18:12
19	18:54	18:30	18:00
26	18:44	18:23	17:50
<b>Novembro</b>			
2	18:36	18:16	17:44
9	18:29	18:10	17:37
16	18:23	18:07	17:32
23	18:19	18:02	17:25
30	18:15	18:02	17:24
<b>Dezembro</b>			
7	18:15	18:01	17:24
14	18:16	18:02	17:25
21	18:18	18:06	17:27
28	18:22	18:10	17:31

## MISSÃO

73

Considerando a importância da campanha de evangelização «Missão 73» e a necessidade de conduzir a nossa juventude a uma consagração total a esta obra.

Recomendamos 1. Aplicar as propostas seguintes:

- A. Que a juventude seja integrada nos planos de evangelização da igreja.
- B. Que grupos de jovens especialmente treinados para este efeito levem a cabo esforços de evangelização em territórios virgens.
- C. Que a juventude organize campanhas de evangelização, para outros jovens, sob o tema OS JOVENS PELOS JOVENS.

Poder-se-ão empregar os seguintes métodos:

## 1. Testemunho

- a. Individual
- b. Colectivo

- (1) Sermões e acessórios visuais
- (2) Plano de 5 Dias
- (3) Escolas Sabatinas Anexas
- (4) Classes baptismas (pelo método da dinâmica de grupo)
- (5) Conferências públicas

## c. Distribuição de convites e de folhetos:

- (1) Nos lugares públicos
- (2) Nas escolas
- (3) De casa em casa

## d. Quando de futuro, todos os nossos acampamentos de verão devem prever no programa pelo menos uma acção de evangelização.

## II. Dar à juventude uma formação completa em vista à sua parte na Missão 73.

## III. Pôr à disposição dos jovens, para os seus esforços de evangelização, o material seguinte:

- A. Sermões e acessórios visuais
- B. Revistas sobre temperança
- C. Material para as Escolas Sabatinas anexas
- D. O curso «A Bíblia Responde»
- E. Outro material a preparar com o concurso do departamento das Actividades Leigas e da Associação pastoral, com vista a

1. Uma programação espiritual de jovens
2. Um programa de conjunto
3. Objectivo a atingir  
mente surja.

## A HISTÓRIA DO MÊS

(Continuação da pág. 16)

ra primeiro, para depois podermos guardar os nossos domingos e sábados e outros dias da semana, se quisermos.»

«Temos muita pena, senhor, mas não podemos aceitar. Temos de guardar o sábado.»

«Quereis dizer que estais dispostos a rejeitar um pré três vezes mais elevado? Fazeis isso só porque quereis guardar o vosso sábado?»

«Sim, senhor.»

«Bem, nunca vi rapazes africanos como vocês!» O oficial tomou o cachimbo nervosamente enquanto olhava nervosamente para os rapazes. Teve então uma ideia que pensou poderia resolver o problema. Apondo para Shem, disse: «Sei qual é o seu problema. Tem medo que o dirigente da sua igreja venha a saber que não está a guardar o sábado e o corte da igreja. Então eu vou escrever-lhe e vou dizer-lhe que estais no exército, e que eu, possoalmente, vos *obriguei* a transgredir o vosso sábado, mas ele não deve ter isso em conta, pois eu peço-lhe desculpa de vos ter induzido em erro. Não acham que está bem assim? Com certeza compreendeis que na tropa deveis fazer o que vos mandam.»

Mas Shem retorquiu sem hesitar. «Também vai escrever uma carta a Deus pedindo-lhe perdão?»

O oficial deu um murro na mesa. «Está bem, está bem», exclamou. «Voltem para a enfermagem. Sei que ides fazer bem ali, mas gostaria que mudassem de opinião.» E mandou-os sair.

Os três jovens voltaram para a caserna, onde tiveram uma curta reunião de oração, agradecendo a Deus por lhes ter dado a coragem de permanecer firmes. Seguiram-se três meses de treino intensivo, sendo depois levados de camião para Nairobi, onde se uniram a um regimento. Cada sábado de manhã reuniam-se fielmente para estudar a sua lição da Escola Sabatina.

Mês após mês enviavam para Malamulo os seus dízimos e ofertas e pediam literatura para distribuírem pelos outros soldados. Shem escreveu que mais de uma dúzia de soldados se reúnem com eles na caserna cada sábado de tarde para estudar a Bíblia.

No fim da guerra os três voltaram para a Niassalândia, desmobilizados. Foram então readmitidos em Malamulo, onde se treinaram para serem professores, prontos para sair e deixar a sua luz brilhar entre os seus.

Virgil Robinson